

APRESENTAÇÃO

Final de 2002! Parece-me que terminamos este ano com mais “esperança”, por mais difícil que o momento atual seja para muita gente.

Há algumas semanas, nosso país viveu o processo democrático de escolher um novo governo. Independentemente da opção política de cada um, as eleições documentaram, a meu ver, a “esperança” do povo brasileiro por mudanças. O sonho de construir uma sociedade mais igualitária, que garanta, sobretudo, aos mais necessitados uma participação digna nos bens, impôs-se sobre o medo de que nada possa mudar. Não limitaria esta “esperança” a um partido político, muito pelo contrário. Trata-se de um desejo humano-ético e de uma opção, fundamentalmente, religiosa.

A respeito disso, a Igreja católica pronunciou-se, recentemente, de um modo muito claro. Ela está consciente de que “a injustiça social assume proporções de ofensa a Deus, que nos criou à sua imagem e semelhança, e se opõe ao mandamento do amor fraterno que Jesus Cristo instituiu como lei da nova e eterna aliança”. E a Igreja não tem dúvida de que “o resgate da dignidade dos pobres não se pode limitar à assistência emergencial, mas exige a transformação da sociedade e da economia, numa ordem voltada para o bem comum” [confira o Documento 69 da CNBB: *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e de fome*. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 15].

Certamente, trata-se de um sinal muito bonito quando “a Conferência dos Bispos do Brasil, ao celebrar seu Jubileu de Ouro, renova a evangélica opção preferencial pelos pobres e conclama todos os homens e mulheres de boa vontade para uma ação efetiva pela superação da miséria e da fome” [primeira frase do documento acima citado].

Natal é uma época que nos convida a reformular nossas “esperanças”. Isso valê também para a teologia. Como cristãos, celebramos nesta festa, por excelência, a esperança messiânica dos profetas, que se realizou na vinda de Jesus Cristo. Este, porém, é, sobretudo, o “multiplicador dos pães”. Os quatro

Evangelhos indicam isso pelo fato de que narram o milagre da “multiplicação dos pães” seis vezes. E a ordem de Jesus a seus discípulos não abre espaço para mal-entendidos: *Dai-lhes vós mesmos de comer!* (Mc 6,37).

Além do mais, pertencemos a um *Centro Universitário* e a uma *Pontifícia Faculdade de Teologia* que carregam o nome de *Nossa Senhora da Assunção*. É um nome que traz grande responsabilidade, pois o evangelista Lucas atribui a Maria a “esperança” de *cobrir os famintos de bens* (Lc 1,53).

Neste sentido, desejo a todos os leitores da *Revista de Cultura Teológica* que 2003 seja um ano cheio de “esperança” e que os estudos aqui publicados correspondam cada vez mais às grandes “esperanças” da nossa fé.

Dr. Matthias Grenzer
Redator

OS PILARES DA AÇÃO EVANGELIZADORA E PASTORAL

Dom Benedito Beni dos Santos

Todo plano de pastoral precisa ter, como fonte de inspiração, um referencial teórico-teológico. No início deste milênio, existem dois componentes obrigatórios deste referencial: a carta apostólica *Novo Millennium Ineunte*, no âmbito da Igreja universal, e a exortação apostólica *Ecclesia in America*, em nível de Igreja presente entre nós. Ambos os documentos, porém, estão em continuidade com a carta apostólica *Evangelii Nuntiandi*, publicada por Paulo VI em 1975; talvez o mais importante texto do magistério pontifício no século XX. Estes três documentos estão intimamente relacionados entre si. Formam, de certo modo, um todo.

Os três se inserem na tradição teológica do Vaticano II. O Concílio apresenta o modelo de Igreja concebida como *comunhão*: povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A Trindade constitui o mistério da Igreja e, ao mesmo tempo, o paradigma de sua organização. O Concílio apresenta, como perspectiva, não uma Igreja fechada sobre si mesma, mas uma Igreja *em relação*. Antes de tudo, em relação com a Trindade, seu modelo e paradigma. Em relação com o mundo, a fim de servi-lo, em vista da salvação em Jesus Cristo. Uma Igreja em relação com as outras Igrejas e Comunidades cristãs. Em relação com as outras religiões. Sobretudo, uma Igreja em relação com a missão. O ser da Igreja é, pois, relacional.

Os três documentos pertencem ao novo milênio. Embora cronologicamente estejamos no início do terceiro milênio, culturalmente já entramos nele há algum tempo. Fatos acontecidos nas últimas décadas do século XX colocaram o mundo no novo milênio. A título de exemplo, podemos citar o desenvolvimento da automatização e comunicação; o progresso da engenharia genética que, a cada dia, nos surpreende; fatos de natureza política como o quase desaparecimento do socialismo histórico. Eclesialmente, a Igreja já entrou no terceiro milênio há quarenta anos. O Concílio Ecumênico Vaticano II projetou a Igreja no terceiro milênio. Neste milênio, a Igreja gastará muito tempo